

A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA: UM ENFOQUE ENUNCIATIVO DO VERBO INTRANSITIVO EM REPORTAGENS IMPRESSAS

FABÍOLA NÓBREGA*

RESUMO

A aglutinação sintático-semântico-discursiva é um processo que diz respeito à junção do complemento no verbo concebido pela Gramática Tradicional (GT) como intransitivo, não tendo a ocupação material do lugar de objeto. No entanto, em algumas situações, estes verbos podem ser usados com o complemento materializado no plano da sintaxe, havendo a desaglutinação sintático-semântico-discursiva. Este fenômeno é provocado por motivações de ordem enunciativa. Assim, neste artigo tivemos como objetivo geral analisar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *viver*, definido pela GT como intransitivo, utilizando, para isso, reportagens impressas. Para tal propósito, recorreremos ao construto teórico defendido por Bakhtin/Volochinov (1981, 1926), Bakhtin (2003), além de pesquisadores do pensamento linguístico do Círculo de Bakhtin. Nosso *corpus* foi composto por vinte e duas reportagens impressas da Revista Veja, publicadas no período de 1968 a 2013 e pesquisadas no *site* <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. À luz da discussão tecida neste artigo, podemos afirmar que o verbo definido como intransitivo pela Gramática Tradicional é um caso de aglutinação sintático-semântico-discursiva. E o Objeto Direto Interno, por sua vez, é um caso de desaglutinação sintático-semântico-discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação, Verbos Intransitivos, (Des)aglutinação sintático-semântico-discursiva, Gênero discursivo reportagem.

* Doutora em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. Professora na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: fabiolanobrega27@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A aglutinação¹ sintático-semântico-discursiva diz respeito à junção do complemento no verbo, visto pela Gramática Tradicional (GT) como intransitivo, não havendo, no plano da sintaxe (lugar material), a ocupação do objeto. Ao passo que a desaglutinação sintático-semântico-discursiva remete à materialização do complemento dos verbos citados no plano da sintaxe, tendo a ocupação do objeto. Este é um fenômeno enunciativo concebido através de um lugar, que pode ser materializado linguisticamente no plano da sintaxe ou simplesmente ocultado. No entanto, é possível percebê-lo no plano do enunciável, observando o diálogo entre interlocutores perfilados socialmente. Dessa forma, possibilita, mediante a inter-relação entre estes planos, a configuração de um saber de entremeio, pautado no diálogo entre o linguístico e o discursivo, assim como pontuou Dias (2006).

A título de ilustração, na reportagem intitulada *O caos depois do desastre*², temos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer* em (1):

Ex. (1)

Sob as trevas da noite o pavor aumenta. Os raros focos de luz são dos faróis de carros, dos postes de quartéis com geradores e das foqueiras[...] Assustadoras fogueiras alimentadas com escombros de corpos. [...] Um lugar de horror onde se aguardava a vez de *morrer*, ao lado de cahorros, lixo e o odor onipresente da gangrena [...]. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 73, grifo nosso).

Na reportagem *O caos depois do desastre*, o sujeito-enunciador aprecia negativamente a catástrofe que ocorreu no Haiti por causa do terremoto naquela época. À luz de Bakhtin/Volochinov (1981), considerando o sentido completo da enunciação, observamos que, do ponto de vista deste enunciador, lá estava sendo vivenciada uma situação caótica. Muitos haitianos morreram e outros ficaram mutilados, sem comida, moradia, vestimentas etc. Vidas foram dissipadas, sonhos desfeitos e famílias totalmente desconstruídas.

Na visão de mundo do sujeito-enunciador, Porto Príncipe ficou destruído, enfrentando uma fase difícil: “[...] Um lugar de

horror onde se aguardava a vez de *morrer*, ao lado de cachorros, lixo e o odor onipresente da gangrena³”, conforme podemos verificar no exemplo (1). Palavras como *horror*, *lixo*, *odor*, *gangrena* evidenciam os sentimentos e as emoções do enunciador frente à situação presenciada. A realidade retratada, por sua vez, passa a ser vista e valorada por ele como eminentemente negativa e destrutiva para os haitianos, já que as pessoas estavam em condições sub-humanas, restando-lhes esperar *a vez de morrer*. Nesse contexto, a dimensão axiológico/valorativa e a expressividade autorizaram a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer*, não havendo a ocupação do lugar do objeto (morte) no plano da sintaxe.

A nosso ver, desaglutinar o objeto *morte* no plano da sintaxe não contribui para que o sujeito-interlocutor possa compreender ativamente a palavra *morrer*, opondo uma contrapalavra. Assim como Bakhtin (2003) afirma ocorrer a compreensão ativa do sujeito.

Assim sendo, na reportagem em discussão, vemos que a linguagem não está subjugada a um sistema imutável de regras, não obstante pressuponha uma forma. Segundo Volochinov (1930), as formas de linguagem são modificadas de acordo com a atuação de alguns fatores, entre eles: a interação verbal e o sistema linguístico. Para ele, qualquer situação pressupõe a presença de atores ou interlocutores (os sujeitos sociais), sendo o auditório de um enunciado encetado pela presença de todos os atores sociais envolvidos na situação.

Com isso, seguindo Volochinov/Bakhtin (1926), observamos que a reportagem em discussão configurou a interação social realizada entre o falante (Diogo Escosteguy), o ouvinte (leitor) e o tópico da fala, sendo materializada como produto. E a aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo *morrer* resultou disso.

No entanto, segundo Rocha Lima (2006, p. 340), gramático tradicional, no exemplo (1), o verbo *morrer* seria intransitivo “encerrando em si a noção predicativa”; assim, dispensaria o complemento *morte*. Por outro lado, na sua concepção, haveria ocasiões em que verbos desta natureza passariam a ter o Objeto Direto Interno expresso, por exemplo, nas construções como “Morrer morte santa” (ROCHA LIMA, 2006, p. 248). No que diz respeito a esta situação, o gramático afirma que a informação *morte santa* assumiria a função sintática de Objeto

Direto Interno, pois completa o sentido do verbo *morrer*. Para ele, isto é aceitável caso o verbo e o objeto possuam o mesmo radical, sendo o complemento representado por um substantivo seguido de um adjunto, consoante em “Morrer morte santa⁴”.

Algumas vezes, para ele, o Objeto Direto Interno poderia ser representado por uma expressão que, embora não tenha radical igual ao verbo, faça parte do que denominou “mesmo grupo de ideias⁵”, assim como em “Dormir um sono tranquilo⁶”. Aqui, *um sono tranquilo* seria o Objeto Direto Interno, já que é formado pelo substantivo *sono*, seguido do adjunto *tranquilo*. Embora *dormir* e *sono* não tenham o mesmo radical, o complemento é associado semanticamente ao verbo.

Para nós, os verbos denominados por Rocha Lima (2006) como intransitivos são casos de aglutinação sintático-semântico-discursiva, uma vez que o complemento está aglutinado nele, não havendo a ocupação do objeto no plano da sintaxe, assim como aconteceu no exemplo (1). O Objeto Direto Interno comportaria a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, existindo a ocupação material do objeto no plano da sintaxe, assim como ocorre nos dois exemplos analisados por ele (Morrer morte santa e Dormir um sono tranquilo). E esse fenômeno ocorre por questões enunciativas.

Em outros termos, na nossa concepção, se em enunciados como “Morrer morte santa”, *morte* assumiria a função sintática de Objeto Direto Interno, como o próprio Rocha Lima (2006) registrou, é porque este complemento existe. Todavia, como a pretensão do construto teórico proposto pela GT analisa essencialmente a estrutura linguística, ele só é percebido quando está materializado no plano da sintaxe. Achamos louvável o fato de este complemento ter sido percebido pelo gramático. No entanto, é necessário considerar sua existência também em situações em que ele não esteja materializado linguisticamente no plano da sintaxe, como analisamos no exemplo (1), observando aspectos enunciativos.

Pressupondo as considerações tecidas, este artigo tem por objetivo geral analisar a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva nos verbos definidos pela GT como intransitivos, utilizando, para isso, reportagens impressas.

Pelo exposto, observamos que a aglutinação sintático-semântico-discursiva não foi aludida como um processo estritamente estrutural, visto que foram consideradas também as dimensões semânticas e discursivas, as quais fazem parte do jogo interativo da linguagem. Nesse sentido, a enunciação é vista como o resultado da interação entre indivíduos organizados socialmente, como postulam Bakhtin/Volochinov (1981).

Em relação à modalidade, podemos afirmar que nossa pesquisa⁷ é teórico-analítica, uma vez que atualiza o conceito de aglutinação sintático-discursiva proposto por Nóbrega (2006) em sua dissertação de mestrado. Nosso *corpus* é constituído por vinte e duas reportagens impressas publicadas no período de 1968 a 2013, na Revista Veja e pesquisadas no *site* <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. Para tanto, selecionamos os verbos morrer, viver, nascer, cair, amadurecer, envelhecer, lutar, reagir, sonhar, chorar, sorrir, dormir, gritar, crescer e rir. Para este artigo, analisamos a palavra viver.

As reportagens selecionadas como *corpus* foram vistas como a configuração da interação social realizada entre o falante (os repórteres), o ouvinte (os leitores) e o tópico da fala, sendo materializadas como produto, assim como Volochinov/Bakhtin (1926) dizem que ocorre no evento discursivo, exemplificando com a obra de arte. Para nós, em qualquer enunciado, independente de ser artístico ou não, há este diálogo. E o verbo escolhido para análise como palavra enquanto signo ideológico, como apresentaram Bakhtin/Volochinov (1981).

A pesquisa aqui proposta possibilitou um diálogo entre áreas distintas, a exemplo da Sintaxe e da Enunciação. Esse diálogo possibilitou contemplar um problema sintático à luz da enunciação, como sugeriram Bakhtin/Volochinov (1981). Por fim, podemos dizer que nossa intenção neste artigo não foi desrespeitar a GT ou simplesmente discordar de um conceito desenvolvido por este aporte teórico, visto que reconhecemos todos os seus créditos. Nosso desejo foi apresentar, seguindo outra perspectiva teórica, questões que não foram contempladas sobre os verbos vistos por ela como intransitivos, já que seu foco é a estrutura linguística.

2. A LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DIALÓGICA, O TEMA E A SIGNIFICAÇÃO LINGUÍSTICA

Em discrepância com relação a outras concepções de linguagem, o construto teórico bakhtiniano observou que o fenômeno linguístico ultrapassa os limites dos campos físico, fisiológico e psíquico, já que está associado ao âmbito social mediante os processos de interação. Assim, aludi-lo através dessas nuances indefine a natureza linguística, restringindo-a. Nesse sentido, Bakhtin/Volochinov (1981) pontuam que o signo é, sim, ideológico, e a ideologia, por sua vez, reflete as estruturas sociais. Havendo, portanto, algum tipo de modificação na ideologia, isto acarreta uma modificação em relação à língua. A forma linguística é vista como um signo mutante, sendo este, em sua natureza, “vivo, móvel, plurivalente” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1981, p. 15). No entanto, a classe dominante, por interesses particulares, busca concebê-la como monovalente.

A interação é constitutiva da língua, posto ser originada através da relação dialógica entre os sujeitos, organizados no âmbito social. Dessa forma, constatamos que, ao serem concretizados os processos interativos, o linguístico está sendo gestado. Entretanto, nesta relação dialógica, não é cabível observar os sujeitos como receptores passivos. A enunciação só pode ser compreendida como determinada pelo meio, sendo produto da interação entre indivíduos, delineados pelo âmbito social. À luz de Bakhtin/Volochinov (1981, p. 112),

a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor.

E o problema da significação, por seu turno, considerado como um dos mais complexos da Linguística, requer um estudo no propósito de solucioná-lo. Segundo Bakhtin/Volochinov (1981), um aporte teórico que esteja centrado em uma compreensão passiva é insuficiente para contemplar a significação no âmbito linguístico.

Para os autores, o tema diz respeito ao sentido completo da enunciação, sendo, indubitavelmente, único; senão, não seria possível

defini-la. Em virtude disso, o tema da enunciação apresenta um tom individual e não reiterável, assim como a própria enunciação. A título de ilustração, a enunciação “que horas são”⁸, portanto, comporta um sentido diferente cada vez que é realizada. Dessa forma, conforme Bakhtin/Volochinov (1981, p. 128),

conclui-se que o tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas igualmente pelos elementos não verbais da situação. Se perdermos de vista os elementos da situação, estaremos tão pouco aptos a compreender a enunciação como se perdêssemos suas palavras mais importantes.

Nesse diapasão, o tema da enunciação é concebido em sua concretude, sendo tão concreto quanto o momento histórico a que ela está vinculada, uma vez que apenas em sua amplitude concreta, enquanto fenômeno histórico, apresenta um tema. “Por significação, diferentemente do tema, entendemos os elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 129). Ademais, no interior do tema, a enunciação é do mesmo modo investida de uma significação.

Em virtude dessa discussão, observamos que a diferença entre o tema e a significação fica mais nítida no momento em que é associada à problemática da compreensão. Os filólogos acreditavam que a compreensão fosse efetivada passivamente, exaurindo qualquer possibilidade de resposta. Refutando essa concepção, Bakhtin/Volochinov (1981) afirmam que qualquer compreensão precisa ser ativa, sendo necessário conter uma resposta. Somente compreendendo ativamente, é possível fazer a apreensão do tema. Em sintonia com essa assertiva, a compreensão da enunciação de outrem significa ter uma orientação quanto a ela, encontrando um lugar propício que esteja adequado ao contexto correspondente. O processo concernente à compreensão é visto como uma forma de diálogo, já que a cada palavra a ser entendida correspondem inúmeras outras nossas, construindo uma réplica, assim, “compreender é opor à palavra do locutor uma contrapalavra” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 132).

Pelo exposto, notamos que o sentido não é inerente à palavra, ao falante nem ao interlocutor, sendo, então, o resultado produzido, na interação entre o locutor e o receptor, mediante o material de dado complexo sonoro. Quando não atentamos para o tema da enunciação, buscando precisar o sentido de certa palavra, observamos seu valor inferior, comumente estável e igual a si mesmo, isto é, o sentido dicionarizado da palavra.

Além disso, a inter-relação entre a apreciação e a significação é concebida como outro problema. Para os autores, observando a palavra utilizada na fala real, toda ela comporta o tema e a significação. Todavia, é imprescindível ainda haver um acento apreciativo, caso contrário, não existe palavra. Um dos níveis mais nítidos e superficiais referentes à apreciação social, que faz parte da palavra, é veiculado pela entoação expressiva. Inúmeras vezes, essa entoação expressiva é estabelecida através da situação imediata e por suas possíveis circunstâncias mais transitórias. “Em qualquer enunciação, por maior que seja amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 134).

Com efeito, as mudanças em relação à significação estão indubitavelmente associadas à apreciação. Estas ocorrem, na verdade, através de um processo de reavaliação, isto é, a permuta de uma palavra de uma situação apreciativa para outra. Diante disso, é fundamental considerar a apreciação social para ser possível entender como a evolução histórica do tema e da significação, que o produz, é efetivada. A língua evolui semanticamente e isso está relacionado à evolução apreciativa de um grupo social específico, bem como à evolução da apreciação, fato proporcionado pelo alargamento da infraestrutura do setor econômico. E a expansão do horizonte da apreciação é realizada dialeticamente. Dessa sorte, “uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e de reconstruí-la” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 136).

Assim, não existe nada na constituição do sentido que seja sobreposto à evolução, sendo apresentado como independente da expansão dialética no tocante ao âmbito social. Por isso, nesse bojo, nada pode continuar estático. A significação é incorporada ao tema,

sendo desfragmentada através de suas contradições, no intuito de voltar sob a forma de uma significação outra, que possui estabilidade e identidade, do mesmo modo, efêmeras.

Por fim, notamos que, considerando o aspecto semântico de um elemento linguístico, incidem dois vieses investigativos: o tema (estágio superior) e a significação (estágio inferior). Aquele diz respeito ao sentido contextual de uma palavra, observando as condições de uma enunciação concreta. Enquanto a significação remete ao sentido dicionarizado da palavra, focando o sistema da língua. Neste artigo, observamos os dois estágios, buscando mostrar, em reportagens impressas, a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no verbo viver, visto pela Gramática Tradicional como intransitivo.

3. O VERBO INTRANSITIVO E A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA

3.1 A INTRANSITIVIDADE VERBAL: DIALOGANDO COM GRAMÁTICOS

Os verbos, na Língua Portuguesa, são classificados quanto aos complementos em intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos, transitivos relativos, transitivos circunstanciais e bitransitivos, consoante afirma Rocha Lima (2006). Os intransitivos, “encerrando em si a noção predicativa, dispensa quaisquer complementos” (ROCHA LIMA, 2006, p. 341), dessa forma, trariam as informações necessárias ao seu entendimento. Os outros verbos aqui citados solicitam complementação em relação ao seu sentido, pois em si não há completude semântica.

Assim, conforme mencionado anteriormente, em enunciados como João morreu, o verbo *morrer* seria intransitivo, pois sozinho significaria aquilo que está sendo proferido, não precisando de informações complementares quanto ao seu sentido. No entanto, para o gramático em questão, apesar de verbos como estes serem intransitivos, em algumas situações, podem apresentar o Objeto Direto Interno. Nesse sentido,

Verbos intransitivos podem trazer complemento representado por substantivo do mesmo radical, contanto que venha acompanhado

de adjunto [...] também, às vezes, são expressos por palavras que, não sendo co-radicaís dos verbos respectivos, pertencem, todavia, ao mesmo grupo de ideias (ROCHA LIMA, 2006, p. 248).

Então, observamos que, em “Morrer morte gloriosa”⁹, “Viver uma vida feliz” e “Dormir um sono tranquilo”¹⁰, segundo Rocha Lima (2006), os verbos *morrer*, *viver* e *dormir* passariam a ter o Objeto Direto Interno. Nestes exemplos, respectivamente, *uma morte gloriosa*, *uma vida feliz* e *um sono tranquilo* exerceriam esta função sintática. Os dois primeiros têm seus complementos representados por um substantivo com o mesmo radical do verbo correlacionado (*morrer/morte* e *viver/vida*), seguidos de um adjunto (*gloriosa* e *feliz*). Ao passo que, em “Dormir um sono tranquilo”, seria *um sono tranquilo* o Objeto Direto Interno, uma vez que, embora o termo *sono* não possua o mesmo radical de *dormir*, faz parte do mesmo grupo de ideias.

Bechara (2006) utiliza em sua gramática alguns termos que não são propostos pela Norma Gramatical Brasileira (NGB), não por desrespeito ou simples discordância. Segundo ele, “é que a NGB não tratou de todos os assuntos [...] ventilados” (BECHARA, 2006, p. 21). Na sua ótica, o verbo constitui o núcleo do predicado; este, por sua vez, pode ser simples ou complexo. Naquele, haveria o que a tradição gramatical intitulou de verbos intransitivos. Como exemplo, temos: “Ela não trabalha”, “José acordou cedo” e “As crianças cresceram rapidamente”¹¹. Nessas situações, *trabalhar*, *acordar* e *crescer* seriam tais verbos. Na ótica de Bechara (2006, p. 415),

os verbos que apresentam significado lexical referente a realidades bem concretas não necessitam de outros signos léxicos, como fazem os que integram predicados complexos. Dizemos, então, que o predicado é simples. A tradição gramatical chama intransitivos a tais verbos.

Já o núcleo do predicado complexo comportaria os verbos transitivos. Portanto,

[...] Há verbos cujo conteúdo léxico é de grande extensão semântica; de modo que, se desejarmos expressar determinada realidade, temos de delimitar essa extensão semântica mediante o auxílio de

outros signos léxicos adequados à realidade concreta. Estes outros signos léxicos que nos socorrem nessa delimitação da extensão semântica do verbo, verdadeiros delimitadores semânticos verbais, se chamam argumentos ou complementos verbais (BECHARA, 2006, p. 414-415).

No entanto, para Bechara (2006), alguns verbos ora poderiam atuar como transitivos, ora como intransitivos, assim como ocorreria nos exemplos “Eles comeram maçãs” e “Eles não comeram”¹². No primeiro caso, o verbo comer seria transitivo; já no segundo, atuaria como intransitivo. Na sua concepção, nem sempre é tarefa fácil estabelecer limites precisos entre os verbos transitivos e intransitivos. Isto fica evidenciado, já que [...] “a oposição entre transitivo e intransitivo não é absoluta, e mais pertence ao léxico do que à gramática” (BECHARA, 2006, p. 415). Chama-nos a atenção esta afirmação.

Uma definição adequada quanto aos verbos intransitivos e transitivos, a nosso ver, não está ligada simplesmente à gramática nem tampouco ao léxico, mas à dialogicidade da linguagem. Portanto, é conveniente discutir este problema sintático com base na enunciação, à luz de Bakhtin/Volochinov (1981, 1926), Bakhtin (2003) e Volochinov (1930).

Na nossa concepção, o enfoque dado pela GT quanto à conceituação dos verbos intransitivos e as explicações utilizadas para diferenciá-los dos verbos transitivos continua em Bechara (2006). Ademais, embora ele observe os verbos intransitivos como núcleos do predicado simples, grosso modo, termina por dizer com outros termos aquilo que os Gramáticos Tradicionais registram sobre o assunto, trazendo à cena problemas sintáticos semelhantes.

Perini (2002), dialogando com a Gramática Tradicional, também lança críticas aos critérios usados por ela para definir verbos intransitivos e transitivos. A princípio, ele afirma que é insuficiente distinguir estes tipos de verbos usando só os critérios da recusa e da exigência. Ou melhor, o que definiria um verbo como intransitivo não seria só o fato de ele recusar o objeto, nem tampouco o transitivo, por este exigir o complemento. Segundo ele,

o problema surge quando há verbos como *comer*, que podem ocorrer com ou sem OD¹³, sem por isso causar inaceitabilidade. Vimos

que não há lugar para tais verbos no sistema tradicional, uma análise adequada deve, primeiramente, criar esse lugar (PERINI, 2002, p. 163, grifo do autor).

Na concepção deste gramático, as noções apresentadas pela GT sobre os verbos intransitivos (recusar o objeto) e transitivos (exigir o objeto) não bastam para diferenciá-los. Pensando nisso, ele acrescenta uma terceira noção: “aceitação livre” (PERINI, 2002, p. 164). Assim sendo, Perini (2002) observa que haveria traços que especificariam estes tipos de verbos. Como exemplo, cita os verbos *nascer*, *fazer* e *comer*.

Para Perini (2002, p. 164), o verbo *nascer* recusaria o objeto, possuindo o traço [Rec-OD]. Enquanto que *fazer* o exigiria, havendo o traço [Ex-OD]. Já *comer* aceitaria livremente o objeto, tendo o traço [L-OD]. Dessa forma, ele acredita ter resolvido o problema em relação à transitividade de verbos como *comer*.

O gramático em análise discute ainda outra diferença entre sua concepção concernente à transitividade e aquela defendida pela tradição gramatical. Para ele, este construto teórico foca essencialmente aspectos semânticos. “A ideia tradicional de transitividade é predominantemente semântica; procura-se justificar exigências e recusas em termos do significado de cada verbo” (PERINI, 2002, p. 168). Apesar de defender uma visão eminentemente sintática em relação à transitividade verbal, o gramático em foco afirma que isto não quer dizer que não tenha nenhuma correlação semântica.

Além do mais, Perini (2002) questiona se a transitividade verbal é suficiente para delimitar quando um verbo virá com ou sem objeto, assim como para explicar o porquê disto. Mediante sua perspectiva, a transitividade bastaria nos casos em que o verbo exigiria o objeto, bem como naqueles em que o verbo o recusaria. Contudo, em casos em que o verbo aceitaria livremente o objeto, não seria possível fazer uma previsão sobre quando este objeto virá ou não em momentos específicos. Desse modo,

[...] Em casos de ocorrência livre, a transitividade não basta para prever a ocorrência do complemento; *comer* aparecerá com ou sem objeto direto, dependendo de fatores extra-sintáticos, tais como: o

significado da sentença, o grau de especificidades que o falante deseja dar à sua mensagem, o conhecimento que o falante supõe que seu interlocutor já possua etc. [...] (PERINI, 2002, p. 172, grifo do autor).

A nosso ver, é contundente a crítica feita por Perini (2002) quanto à forma como a GT concebe a transitividade, observando-a a partir dos critérios da recusa (verbos transitivos) e da exigência do objeto (verbos transitivos), trazendo à cena a necessidade de observarmos verbos como *comer*. Este, por sua vez, através da noção de “livre aceitação”, desenvolvida por ele, poderia atuar como intransitivo e como transitivo, dependendo da ocasião.

No entanto, não concordamos que verbos como *comer* aceitam livremente o complemento, uma vez que, para nós, há fatores específicos para que haja a ocupação do objeto no plano da sintaxe, como explanaremos no tópico (3.2). O termo “livremente”, na nossa concepção, é inadequado para a explicação dada sobre este processo pelo gramático. O próprio Perini (2002, p. 172) afirmou que para tais verbos possuírem ou não objeto dependeria de questões extra-sintáticas, entre elas, “o conhecimento que o falante supõe que seu interlocutor já possua”. Então, isto não é algo que ocorre “livremente”.

Para Neves (2000), os verbos, grosso modo, alicerçam os predicados referentes às orações, havendo algumas subclassificações em relação a eles, tais como a semântica, com integração de componentes e a transitividade. No entanto, alguns verbos não comporiam o predicado. Entre eles, figuram os que modalizam (poder, dever, precisar etc.). Os predicados, por sua vez,

[...] designam as propriedades ou relações que estão na base das predicções que se formam quando eles se constroem com os seus argumentos (ou participantes da relação predicativa) e com os demais elementos do enunciado (NEVES, 2000, p. 25).

No tocante à transitividade, a autora em questão discutiu sobre a valência verbal, ou melhor, “a capacidade de os verbos abrirem casas para preenchimento por termos (sujeito e complemento), compondo-se a estrutura argumental” (NEVES, 2000, p. 28). A transitividade seria inerente à oração, desta forma, sempre haveria, com raras exceções,

algum elemento (argumento) que preencheria uma necessidade informacional do verbo. É bastante significativa a discussão que Neves (2000) tece sobre os verbos, observando aqueles que constituem predicados através de três subclassificações: semântica, com integração de complementos e transitividade. Conquanto, para nós, o problema sintático referente à diferenciação do verbo transitivo e intransitivo precisa ser visto à luz da dialogicidade própria da linguagem, discutida pelo Círculo de Bakhtin. Destarte, é necessário observar a transitividade focando as particularidades do enunciado, entre elas, a expressividade e a responsividade, como nos apresentou Bakhtin (2003). Desta forma, são consideradas as relações dialógicas da linguagem.

De acordo com esta discussão, podemos afirmar que cada um dos gramáticos apresentados observa a intransitividade verbal seguindo o construto teórico defendido por eles. Todavia, nem sempre as nomenclaturas utilizadas e os argumentos mobilizados para isto são convergentes. Segundo Bakhtin/Volochinov (1981), os problemas sintáticos são bastante significativos e precisam ser vistos à luz da enunciação, isto é,

[...] os problemas sintáticos são da maior importância para a compreensão da língua e de sua evolução, considerando-se que, de todas as formas da língua, as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação, dos *atos de fala*. Todas as análises sintáticas do discurso consistem análises do corpo vivo da enunciação; portanto, é ainda mais difícil trazê-las a um sistema abstrato de língua. As formas sintáticas são mais concretas que as formas morfológicas ou fonéticas e são estreitamente ligadas às condições reais da fala. É por isso que, na nossa reflexão sobre os fatos vivos da língua, demos justamente prioridade às formas sintáticas sobre as formas morfológicas e ou fonéticas. Mas, como também já deixamos claro, um estudo fecundo das formas sintáticas só é possível no quadro da elaboração de uma teoria da enunciação (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1981, p. 140, grifo do autor).

Seguindo este direcionamento, apresentamos, no tópico (3.2), outra perspectiva sobre os verbos intransitivos. Para nós, ocorre neles o processo de aglutinação sintático-semântico-discursiva, uma vez que o complemento está aglutinado no próprio verbo, não havendo a

ocupação material do objeto. No entanto, em alguns contextos, nestes verbos pode acontecer a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, isto é, o complemento vir materializado no plano da sintaxe, tendo a ocupação do objeto.

3.2 A (DES)AGLUTINAÇÃO SINTÁTICO-SEMÂNTICO-DISCURSIVA: UM NOVO OLHAR SOBRE OS VERBOS INTRANSITIVOS

Como vimos, os gramáticos apresentados mostram a intransitividade verbal conforme seus pontos de vista, seguindo o construto teórico que cada um defende, desta feita, nem sempre utilizam a mesma nomenclatura. Na nossa concepção, incide sobre o verbo *viver* a aglutinação sintático-semântico-discursiva, uma vez que o complemento está aglutinado (unido) neles, não havendo a ocupação material do objeto. E, em alguns contextos, a desaglutinação sintático-semântico-discursiva do objeto. A título de ilustração, analisaremos a aglutinação sintático-semântico-discursiva no exemplo (2):

Ex. (2)

Viver muito mais do que os avós já é uma realidade para a geração atual de jovens e adultos. A promessa da ciência agora é a de uma velhice mais saudável e prazerosa. [...] (VENTUROLI, 2004, p. 96, grifo nosso).

A reportagem *Viver mais e melhor*¹⁴, escrita por Thereza Venturoli, informa-nos sobre a possibilidade de termos longevidade com qualidade de vida, considerando os avanços científicos na época. No exemplo (2), portanto, a palavra *viver* foi empregada sem o complemento *vida* no plano da sintaxe, não havendo a ocupação do objeto, visto que este está aglutinado no verbo. Segundo Dias (2006), o plano da sintaxe diz respeito ao lugar material da sintaxe, que, no caso do objeto, pode haver a ocupação ou não.

Em (2), observando a dimensão axiológico/valorativa, notamos que o sujeito-enunciador acredita no conhecimento científico, apreciando-o como algo positivo. Para este enunciador, já é possível o ser humano viver mais em comparação com outra geração (os avós), sendo incumbência da ciência garantir qualidade de vida na terceira

idade. Desta forma, palavras como *saudável* e *prazerosa* trazem à tona a expressividade do sujeito-enunciador, já que ela é “a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado” (BAKHTIN, 2003, p. 289). Isto é, mostra sua confiança quanto aos feitos da ciência em relação à qualidade de vida na terceira idade, dialogando com a concepção daqueles que também acreditam na eficácia das descobertas científicas para a situação em foco. A ciência, por sua vez, passa a ser vista e valorada positivamente.

Para Bakhtin (2003), qualquer enunciado é destinado a um interlocutor, que, por seu turno, exerce influência sobre seus elementos estilísticos e sua expressividade. Nesse sentido, a responsividade é constitutiva do enunciado. Destarte,

toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2003, p. 271).

O verbo *viver* e o complemento *vida* vêm do mesmo radial e, no exemplo (2), ocupar o lugar do objeto gera uma redundância linguística dispensável e indesejável, observando o tema (sentido completo da enunciação). Isto ocorre uma vez que a relação constitutiva entre a dimensão axiológica (ideologia), a valoração e a expressividade não autoriza nestas circunstâncias materializar a palavra *vida*. Considerando a teoria bakhtinina,

[...] o elemento expressivo é que determina o estilo e a composicionalidade do enunciado, isto é, a relação valorativa do falante com seu objeto de discurso e com os outros enunciados (já-ditos, pré-figurados) leva à escolha dos recursos lexicais, gramaticais (estilo) e composicionais de seu enunciado (PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 184).

Além do mais, na nossa concepção, desaglutinar o objeto *vida*, na ocasião analisada, não contribui para que o sujeito possa realizar a compreensão ativa da palavra *viver*, opondo uma contrapalavra.

Pelo exposto, seguindo os apontamentos teóricos discutidos por Volochinov/Bakhtin (1926), percebemos que a reportagem em

discussão configura a interação social entre o sujeito-enunciador, o ouvinte e o tópico da fala. E esta relação, por sua vez, não permitiu a desaglutinação do objeto *vida* no plano da sintaxe.

Neste sentido, segundo Bakhtin (2003), podemos afirmar que não escolhemos aleatoriamente a palavra, visto que o extraverbal influencia nisso. Desta forma, “escolhemos nossas palavras quando partimos do conjunto projetado do enunciado, ou seja, cada palavra que escolhemos é contagiada com a expressão valorativa do conjunto do enunciado” (PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 184).

Todavia, em alguns contextos, no verbo *viver*, há a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, ou melhor, o complemento *vida* é materializado no plano da sintaxe, havendo a ocupação do objeto, como acontece no exemplo (3):

Ex. (3)

[...] **A dor dos que ficaram** (grifo do autor). Desde que enterraram a filha, há cerca de dez dias, os aposentados Viriato Gomes de Souza, de 70 anos, e Risoleide Moutinho de Souza, de 71, não puderam se entregar ao luto. [...] Em meio à dor, Souza também tem de lidar com outra preocupação: a segurança da família que lhe restou. Nos últimos dias, eles têm recebido telefonemas perturbadores. São ligações a cobrar, daquelas em que se fala “alô” diversas vezes e a pessoa do outro lado da linha desliga. Em uma ocasião, chegaram a dizer a Rosileide: “Aqui é um traficante. Que palhaçada, vocês prenderam meu amigo. A queimadinha não vai atender?”. A polícia foi acionada e monitora a situação. Ainda não se sabe se são trotes ou ameaças reais. “Sempre fui trabalhador, *vivi uma vida sossegada*. Fiz 70 anos em novembro e ainda não conhecia o lado perverso da vida”, desabafa Souza [...] (DINIZ; CARVALHO, 2003, p. 93, grifo nosso).

A reportagem *Condenados pela impunidade*¹⁵, escrita por Laura Diniz e Julia Carvalho, em 2013, trata do auxílio-reclusão concedido àqueles que cometeram crimes e estão encarcerados. Segundo as repórteres, “o pagamento do ‘bolsa-bandido’ explodiu nos últimos doze anos e chegou a quase 40.000 famílias; enquanto isso, uma geração de órfãos do crime cresce desassistida no Brasil” (DINIZ; CARVALHO, 2013, p. 87).

Envoltas por esta situação, Laura Diniz e Julia Carvalho trouxeram depoimentos de pessoas que tiveram familiares mortos por bandidos em momentos distintos. Entre eles, o dos aposentados Viriato Gomes de Souza e Risoleide Moutinho de Souza. Eles enterraram a sua filha, Cinthya Moutinho de Souza, que foi queimada viva em seu consultório por bandidos. Além disso, ainda ficaram recebendo telefonemas anônimos em tom de ameaça. “A polícia foi acionada e monitora a situação. Ainda não se sabe se são trotes ou ameaças reais. ‘Sempre fui trabalhador, *vivi uma vida sossegada*’. Fiz 70 anos em novembro e ainda não conhecia o lado perverso da vida”, desabafa Souza (DINIZ; CARVALHO, 2013, p. 92), conforme verificamos em (3). Aqui, observamos, que o verbo *viver* foi usado com o complemento verbal *uma vida sossegada* no plano da sintaxe.

No exemplo em foco, percebemos que, na visão do sujeito-enunciador, ele era um trabalhador que vivia pacatamente. E acreditava nesta ideologia até o assassinato de sua filha. O horizonte axiológico/valorativo demanda justamente desta maneira como o enunciador concebia a vida. Na sua concepção, tinha *uma vida sossegada*, dialogando com a noção do homem que também vivenciava isso, sendo um cidadão trabalhador. Todavia, depois de ser confrontado com um acontecimento que ia de encontro a sua ideologia, descobriu que nem sempre a vida era tão tranquila, visto que os problemas sociais existiam, entre eles, a marginalidade. E a palavra *sossegada* mostra o sentimento do sujeito-enunciador quanto à sua vida, valorando-a positivamente até dado momento. Desta maneira, [...] “podemos entender que é só no contato do significado linguístico com a realidade concreta, só na penetrabilidade da língua com a realidade que se gera a centelha da expressão” (PEREIRA; RODRIGUES, 2014, p. 185).

No exemplo (3), a desaglutinação sintático-semântico-discursiva é gerada a partir da visão de mundo do enunciador como uma réplica e responsável do sujeito-enunciador quanto ao objeto de discurso retratado. Com isso, considerando o tema, desaglutinar o complemento *uma vida sossegada*, embora o verbo e o objeto venham do mesmo radical, não é visto como uma redundância linguística desnecessária, uma vez que a relação intrínseca entre a dimensão axiológica, o tom valorativo e a expressividade neste momento autorizara isso. Além do

mais, o interlocutor pode compreender ativamente a palavra *sossegada*, considerando o tipo de vida do Sr. Viriato monótona, confortável, desgastante, parada, inacreditável etc. Tudo isto dependerá de quem é este sujeito-interlocutor, qual lugar social ocupa, seu interesse sobre o assunto, sua relação com o Sr. Viriato etc. As relações dialógicas, portanto,

[...] são possíveis não apenas entre enunciações integrais (relativamente), mas o enfoque dialógico é possível a qualquer parte significativa do enunciado [...], se ouvimos nela a voz do outro. Por isso, as relações dialógicas podem penetrar no âmago do enunciado [...], por outro lado, as relações dialógicas são possíveis entre os estilos de linguagem [...]. Por último, as relações dialógicas são possíveis também com a própria enunciação como um todo [...]. (BAKHTIN, 2008, p. 210-211)

Mediante o exposto, verificamos que, em algumas situações, o verbo *viver* permite a aglutinação sintático-semântico-discursiva, não havendo a ocupação do objeto, assim como ocorreu em (2). E, em outras, há a ocupação do objeto no plano da sintaxe, gerando a desaglutinação sintático-semântico-discursiva, consoante aconteceu em (3).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz da discussão neste artigo, podemos afirmar que o verbo definido como intransitivo pela Gramática Tradicional é um caso de aglutinação sintático-semântico-discursiva. Desta forma, há nele a junção do complemento, não tendo a ocupação do objeto no plano da sintaxe. E o Objeto Direto Interno, por sua vez, é um caso de desaglutinação sintático-semântico-discursiva, isto é, o objeto vem materializado no plano da sintaxe. No nosso ponto de vista, este fenômeno ocorre por questões enunciativas, sendo percebido nas reportagens impressas analisadas.

No verbo *viver*, a transitividade verbal surgiu da visão de mundo do sujeito-enunciador como uma réplica, sendo responsabilidade dele quanto ao objeto de discurso retratado. A pesquisa aqui proposta suscitou um diálogo entre áreas distintas, a exemplo da Sintaxe e da Enunciação.

Esse diálogo possibilitou contemplar um problema sintático à luz da Enunciação, como sugeriram Bakhtin/Voloshinov (1981). Com isso, traz à tona um novo olhar sobre os verbos intransitivos, contribuindo para os estudos linguísticos.

THE SYNTACTIC-SEMANTIC-DISCURSIVE AGGLUTINATION AND DETACHMENT:
AN ENUNCIATIVE APPROACH OF THE INTRANSITIVE VERB IN PRINTED MAGAZINE
REPORTS

ABSTRACT

The syntactic-semantic-discursive agglutination is a process concerned with the junction of the complement in the verb conceived by Traditional Grammar (GT) as intransitive, having no material occupation as the object. However, in some situations, these verbs can be used as complement materialized in the syntax plan, having a syntactic-semantic-discursive detachment. This phenomenon is caused by enunciative reasons. Therefore, our main objective was to analyze, using magazine reports, the syntactic-semantic-discursive agglutination and detachment in the verb *to live* defined as intransitive by the Traditional Grammar. For this purpose, we used the theoretical constructs defended by Bakhtin/Voloshinov (1981, 1926), Bakhtin (2003), as well as researchers of Bakhtin Circle's linguistic thought. Our corpus comprised twenty-two printed reports of *Veja* magazine, published from 1968 to 2013 and selected in <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. Based on our discussion, we can affirm that the verb defined as intransitive by the Traditional Grammar is a case of syntactic-semantic-discursive agglutination, while the Internal Direct Object is a case of syntactic-semantic-discursive detachment.

KEYWORDS: Enunciation. Intransitive verbs. Syntactic-semantic-discursive agglutination and detachment. Discursive genre report.

LA (DES)AGLUTINACIÓN SINTÁCTICO-SEMÁNTICO-DISCURSIVA: UN ABORDAJE
ENUNCIATIVO DEL VERBO INTRANSITIVO EN REPORTAJES IMPRESOS

RESUMEN

La aglutinación sintáctico-semántico-discursiva es un proceso que conceptúa la unión del complemento con el verbo, concebido por la Gramática Tradicional (GT) como intransitivo, no teniendo ocupación material del lugar de objeto. Sin embargo, en algunas situaciones estos verbos pueden usarse

con el complementar materializado en el plan de la sintaxis, aconteciendo la desaglutinación sintáctico-semántico-discursiva. Este fenómeno se debe a razones de orden enunciativa. Por lo tanto, en este artículo nos planteamos como objetivo principal analizar la (des)aglutinación sintáctico-semántico-discursiva en el verbo vivir definido por la GT como intransitivo, utilizando para ello, los reportajes impresos. Para ese propósito, se utiliza el marco teórico defendido por Bakhtin/Voloshinov (1981, 1926), Bakhtin (2003), así como investigadores del pensamiento lingüístico del Círculo Bakhtin. Nuestro *corpus* estuvo compuesto por veintidós artículos impresos en la revista *Veja*, publicados de 1968 a 2013, extraídas del sitio <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. A la luz de la discusión tejida en este artículo, podemos afirmar que el verbo definido como intransitivo por la Gramática Tradicional es un caso de aglutinación sintáctico-semántico-discursiva. Y el objeto directo interno, a su vez, es un caso de desaglutinación sintáctico-semántico-discursiva.

PALABRAS-CLAVE: Enunciación, Verbos intransitivos, (Des)aglutinación sintáctico-semántica-discursiva, Género discursivo reportaje.

5. NOTAS

- 1 O termo aglutinação nesse artigo não será usado como processo de formação de palavra, focando os campos fonológico e morfológico, como fazem a Gramática Tradicional, os Dicionários especializados (Linguística e Filologia) etc., a exemplo de Camara (1968), Cunha (1970), Dubois (1973), entre outros.
- 2 Escrita por Diogo Escosteguy, publicada na Revista *Veja* em 27 de janeiro de 2010, p. 66-76.
- 3 Id. p. 73.
- 4 Id. p. 248.
- 5 Ibid. p. 248 Id.
- 6 Ibid. p. 248 Id.
- 7 Tese de doutorado apresentada pela pesquisadora na Universidade Federal da Paraíba em 2015.
- 8 Exemplo citado por Bakhtin/Volochinov (1981, p. 128).

9 Os exemplos analisados referentes ao aporte teórico apresentado por Rocha Lima (2006) foram retirados de sua gramática.

10 Id. p. 248.

11 Ibid. p. 415. Id.

12 Ibid. p. 415. Id.

13 Objeto Direto.

14 Reportagem escrita por Thereza Venturoli, publicada na Revista Veja em 15 de setembro de 2004, p. 96-102.

15 Reportagem escrita por Laura Diniz e Julia Carvalho, publicada na Revista Veja em 08 de maio de 2013, p. 86-93.

6. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução Paulo Bezerra. 4. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008[1929].

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa: revisada e ampliada*. São Paulo: Lucerna, 2006.

DIAS, L. F. Aspectos de uma gramática explicativa: a ocupação do lugar do objeto direto. In: *Textura*. Canoas: UFBRA, 2006. p. 49-69.

DINIZ, L.; CARVALHO, J. Condenados pela impunidade. *Revista Veja*, São Paulo, 29 mai. 2013, p. 86-93.

ERBOLATO, M. L. O caos depois do desastre. *Revista Veja*. São Paulo, 27 jan. 2010, p. 66-76.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

NÓBREGA, F. *A aglutinação sintático-discursiva: diálogos com Bakhtin*. 2006. 115 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade da Paraíba, João Pessoa, 2006.

PEREIRA, R. A.; RODRIGUES, R. H. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso* – LemD, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do Português*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

VENTUROLI, T. Viver mais e melhor. *Revista Veja*, São Paulo, 15 set. 2004, p. 96-102.

VOLOSCHINOV, V. N.; BAKHTIN, M. M. *Discurso na vida e discurso na arte* (sobre a poética sociológica). Tradução Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. Versão da língua inglesa de I. R. Titunik a partir do original russo, 1926.

Submetido em 15 de maio de 2015.

Aceito em 26 de maio de 2016.

Publicado em 23 de novembro de 2016.
